



Erica Kaminishi: Apresentando uma Identidade do Nikkei Brasileiro através da Arte

Por [Patricia Wakida](#) / 19 Feb 2018

A artista Erica Kaminishi, nascida e criada em Mato Grosso, Brasil, é uma das centenas de milhares de *dekasegis* brasileiros Nikkeis que migraram para o Japão para trabalhar ou estudar, cem anos depois que seus antepassados imigraram. Durante um período de dez anos, ela trabalhou, estudou cerâmica e participou de um programa de Doutorado no Japão. Ela agora mora e trabalha em tempo integral como artista em Paris, França, mas suas raízes como Nikkei brasileira e seu tempo no Japão tiveram claramente um impacto sobre o modo como ela vê e pensa.



A artista Erica Kaminishi e a curadora Michiko Okano na abertura da exposição *Fronteiras Transpacificas*. (Foto por Todd Wawrychuk)

Kaminishi é uma dentre os treze artistas selecionados para participar da *Transpacific Borderlands: a Arte da Diáspora Japonesa em Lima, Los Angeles, Cidade do México e São Paulo*. A questão da identidade nikkei-latino-americana foi um ponto crítico na seleção dos artistas. Michiko Okano, curadora da seção Nikkei Brasileira da exposição, disse: "É importante compreender a diversidade dos artistas e verificar que diferentes sensibilidades são desenvolvidas dependendo de vários fatores - as singularidades de cada artista, suas experiências artísticas e suas experiências de vida."

A curadora Okano incluiu duas peças de Kaminishi: a primeira, uma série de topografias baseadas em texto, curvas suaves que surgem do papel, embelezadas com a poesia do célebre poeta Fernando Pessoa, que é minuciosamente executada à mão no pequeno script de Kaminishi em tons de joias e a segunda, uma instalação que imersa o visitante em um banho de emoções. Desde que a exibição começou em outubro, vi inúmeras fotos do espetáculo que ela criou dentro da galeria - uma sala com 3.300 placas de petri transparentes penduradas, preenchidas com 60.000 flores rosa-claro sintéticas, para imitar o efeito de caminhar sob uma árvore de flor de cerejeira. A instalação em grande escala de Kaminishi, *Prunusplastus* (2017), é algo de um visual de país das maravilhas e, no entanto, a meditação sobre sua mensagem é realmente curiosa. "*Prunus serrulata*" é o nome latino para a cereja japonesa, enquanto "*plastus*" é latino para "algo modelado". De acordo com Kaminishi, a peça conceitua a natureza do DNA cultural de alguém através dessa lente quase científica. "No Japão, a celebração das flores desabrochando na primavera, como as famosas flores de cerejeira (*sakura*), é uma grande tradição. Eu queria reproduzir esta atmosfera de uma maneira contemporânea, enquanto examinava as formas que valorizamos e cultivamos a cultura... O trabalho toca o conceito japonês de '*mono no aware*', que afirma que, embora a beleza seja muito tocante, também é efêmera, como tudo. Nada é eterno."

A seguinte entrevista por e-mail com Kaminishi é apenas o início de um inquérito sobre o papel da arte interpretando a história e a cultura dos imigrantes japoneses. Isso me deixou aberta para reimaginar minha própria abordagem de palavras, símbolos e identidade. A cultura Nikkei está inserida dentro de nós. A cultura Nikkei é artificial. A cultura Nikkei é uma ilusão, uma memória - talvez até mesmo apenas uma memória herdada que tenha sido descrita em um utensílio doméstico, no idioma ou em uma música distante.

* * * * *

Patricia Wakida: Conte-me sobre a história da sua família ou o que você sabe. De onde seus antepassados são originalmente? Onde eles se estabeleceram? Você acha que houve experiências específicas que tiveram um grande impacto em sua história pessoal?

Erica Kamanishi: Meus avós por parte de mãe e de pai são originários da província de Miyagi, no norte do Japão. Os avós maternos vieram com as minhas tias mais velhas ainda crianças. Eles se instalaram, primeiramente, no interior de São Paulo, como a maioria dos imigrantes japoneses no Brasil, e depois se mudaram para o norte do Paraná, na cidade de Assaí (que vem de Asahi), onde a maior parte da população são descendentes de japoneses. Há várias comunidades rurais nikkeis nesta região e meus avós se dedicaram ao plantio de café e algodão. No total, tiveram 13 filhos.

Os meus avós paternos se conheceram no Brasil. Minha avó veio com os irmãos mais velhos. Talvez tenha sido "obrigada" a emigrar uma vez que somente famílias podiam viajar. Eles se instalaram no interior de São Paulo e ela se casou com o meu avô em um casamento arranjado, por *miai* como a maioria dos casamentos japoneses. Depois se mudaram para a comunidade rural Cabiúna, em Assaí, onde adquiriram um sítio.

Meu pai conta poucas histórias, pois meu avô morreu jovem, quando meu pai tinha apenas 12 anos. Mas eu sei que meu avô emigrou com o irmão, meu tio-avô e a mãe, minha bisavó. Ambos eram os filhos mais novos da família e não tinham direito sobre a herança reservada ao filho mais velho (*chonnan*). O único bem que possuíam era a armadura de samurai do avô (meu tataravô) e a venderam para poderem emigrar. Segundo meu pai, este tataravô imigrou para a região de Miyagi com o fim das castas na revolução Meiji. Adquiriu muitas terras e a família era razoavelmente abastada. Sei também que meu avô era o mais artístico da família; pintava, tocava *shakuhachi* e praticava a caligrafia (*shodo*). Até antes do grande terremoto de Miyagi em 2008, se eu não me engano, a família do meu tio-avô que ficou no Japão possuía em sua casa pinturas feitas pelo meu avô. Com o terremoto, tudo foi destruído. E no Brasil, as poucas memórias que meu pai possui do meu avô, são de vê-lo pintando nos dias que chovia e não podia trabalhar. Quando ele morreu, minha avó, talvez pela situação do momento, queimou todos os seus trabalhos.

Acredito que o maior impacto tenha sido a vinda ao Brasil e a morte prematura do meu avô. Tanto meu avô como meu pai não tiveram a oportunidade de desenvolver suas habilidades artísticas. Meu pai precisou trabalhar desde muito cedo e não pôde continuar seus estudos. Mas sempre foi

um exímio artesão. Até hoje cria objetos e brinquedos de madeira com materiais reciclados. Talvez eu tenha herdado isto deles.



Associação Nikkeis Uberaba, Minas Gerais, 1989 (eu de meia calça branca e meu pai de óculos escuro)

Eu sei que seus pais comem comida japonesa em casa, são budistas e falam uma mistura de português e japonês com as crianças. Conte-me mais sobre a comunidade maior onde você cresceu. Sua família fazia parte de uma comunidade brasileira Nikkei? Como era isso, a partir de sua perspectiva?



Primeiro dia de aula em Uberaba, Minas Gerais, 1986

Quando somos crianças, até mesmo depois de adultos, achamos natural a cultura familiar na qual estamos inseridos. Vivemos em uma espécie de cápsula do tempo. Mas estas questões só se tornaram relevantes quando meus pais foram para o Japão trabalhar e depois, quando eu fui para

o Japão e percebi que o Japão real não era como o Japão de casa. Meus pais passaram a maior parte de suas vidas em comunidades fechadas no interior do Paraná. Na região de Assaí, na cidade onde eles cresceram, há diversas comunidades rurais divididas por seções: Seção Cabiuna, Seção Palmital, etc... Ainda hoje estas comunidades são ativas, e visitá-las é como um retorno ao passado... Seja qual for a casa, eles guardam *souvenirs* do Japão, fotos da visita de algum membro da família imperial, há sempre um cheiro de incenso no ar, o altar budista (*butsudan*) ainda tem lugar privilegiado na casa. É um contraste entre este ambiente que remete à cultura japonesa – um ambiente feito de memórias -, e a paisagem tropical do interior do Brasil, que é marcada pela terra bem vermelha.

Minha mãe aprendeu o português somente após ter se mudado para a cidade, logo quando se casou. Ainda hoje fala termos que só existem na cultura nikkei, mesmo tendo morado no Japão por muito tempo durante a década de 90. Usa termos como *yo-ra* (yo de eu no aspecto mais antigo e formal da língua japonesa) e *ocê-ra*, *kimono* para roupa, *ofuro* para tomar banho. Meus pais ainda preservam tradições como, por exemplo, preparar certos pratos como *sekihan* somente em ocasiões especiais. E ainda hoje preparam o próprio tofu, *tsukemono*, *dashi* em casa... E até há pouco tempo, um monge budista ia até a nossa casa uma vez por ano para orar em nosso altar.



Infância em Uberaba, Minas Gerais, 1987

É interessante e engraçado em alguns aspectos, mas mostra como os nikkeis da geração deles mantém viva a cultura dos antepassados; a cultura japonesa rural que já não existe mais no Japão contemporâneo. Na verdade, do meu ponto de vista, estas tradições foram herdadas, porque meus pais foram conhecer o Japão somente depois de adultos, com quase 50 anos. E alguns tios e tias nunca visitaram o país. É uma cultura de herança, onde se cultiva um Japão imaginário.

Você teve uma variedade de experiências de vida, incluindo viver no Japão como *dekasegi*, trabalhando em uma companhia telefônica. Primeiramente, por que você decidiu ir ao Japão?

Eu tinha acabado de terminar o ensino médio e entrado para a faculdade de História, na universidade local em Londrina, no Paraná. Meus pais tinham voltado para o Brasil naquela época, após alguns anos trabalhando como *dekasegi* no Japão. E a minha irmã mais velha, que também foi para o Japão com eles, estava no Brasil e queria voltar para o Japão para continuar os estudos. Ela queria tentar uma faculdade japonesa. Decidi ir junto pois ela tinha morado e estudado em Tóquio, tinha conhecidos que poderiam nos ajudar. E eu tinha outra irmã, a mais velha de todas,

casada, que estava no Japão naquele momento trabalhando também. Então, estava de certa maneira sob a tutela das minhas irmãs, como sempre foi, desde os 10 anos, quando meus pais foram para o Japão e fiquei no Brasil para continuar os estudos.

O início no Japão foi muito difícil, trabalhei em muitos ambientes e em diversos locais. No último ano no Japão, parei de estudar japonês pois vi que o currículo brasileiro me impedia de tentar uma vaga em uma faculdade japonesa. E fui estudar artes por conta. Fiz curso de cerâmica e depois com as economias fui para Londres estudar inglês e conhecer a cultura local. Eu precisava ter conhecimento de base, e em Artes a cultura em geral sempre foi muito eurocêntrica, por isto escolhi Londres.



Primeira temporada Japão. Festival de cerâmica em Mashiko com a minha amiga, Eugenia, 1999.

Foi a sua primeira vez no Japão? Como era o trabalho? Você achou comunidades no Japão? Conheceu alguma família?

Sim, foi a primeira vez. Naquela época, isto há 20 anos, havia diversos níveis de trabalho como *dekasegi*, que ia da linha de fábrica até serviços de escritório, que geralmente se concentravam na região de Tóquio. Meus últimos trabalhos neste período foram em empresas de telefonia brasileiras e eram sempre ambientes bem internacionais, com chineses, filipinos e brasileiros trabalhando juntos. Trabalhava no Call Center para atendimento em português. Estudava de manhã e à tarde, e trabalhava de noite, no período em que os clientes voltavam para casa e ligavam para a empresa. Fiz boas amizades que mantenho até hoje. No meu último ano no país, minha mãe se juntou a nós. Na família, o ir e vir sempre foi algo constante e até hoje temos uma certa urgência de movimento e mudanças.

Talvez pelo fato de ter a família e amigos estrangeiros por perto, e também pelo fato dos japoneses nesta idade estarem frequentando o ambiente universitário, não tive muitos amigos japoneses. Praticamente, passava o dia todo só com estrangeiros, da escola de japonês ao trabalho. Interessante é que tive maior contato com jovens japoneses quando estava em Londres...



Primeira temporada Japão. Festa com colegas da empresa na qual trabalhava, Brastel 1998

Você tem uma história específica para compartilhar que descreva essa experiência?

Por ser brasileira e ter sido educada no Brasil, os códigos sociais japoneses sempre foram muito difíceis de serem “decifrados”. Aprendi através da observação e por muitos “tropeços” como me comportar socialmente, embora acredite que eu nunca conseguirei compreender totalmente as nuances da pausa, do silêncio, dos movimentos do corpo.

Não me lembro de algum fato marcante, mas eu sempre lembro dos “puxões de orelha” dados por professores ou algum japonês mais velho, explicando que eu não deveria dizer tal coisa, me comportar de tal maneira porque aquilo não era apropriado.

Mais tarde, você retornou ao Japão como estudante de pós-graduação e permaneceu por muitos anos trabalhando, expondo e estudando formas tradicionais (cerâmica) e formas contemporâneas (vídeos e artes visuais). Quais foram algumas das grandes lições que você tirou ao estudar no Japão, artisticamente e pessoalmente?

Voltar ao Japão como pós-graduanda, possibilitou-me enxergar o país e a sua cultura com outros olhos. São duas situações em “dois” países bem diferentes: como trabalhadora imigrante e outra como estudante estrangeira. O tratamento dado muda de acordo com a sua posição social... Bom, isto acontece em qualquer lugar!

Mas estas duas experiências me tornaram mais realista em relação à cultura local e às minhas origens também. Através do estudo formal pude compreender certas práticas e rituais herdados, o comportamento e o pensamento dos meus pais, avós; compreendê-los e não julgá-los, pois a geração mais nova costuma apontar o dedo para o que é antigo e ultrapassado.

Mas o maior aprendizado, acredito que tenha sido desmistificar, desconstruir toda a ideologia que gira em torno da cultura japonesa. Hoje consigo observar os dois lados e isto só é possível quando convivemos/confrontamos a realidade local e a estudamos também.

Sua família ainda está no Brasil? Você acha que eles se identificam como brasileiros Nikkeis? E você?

Sim, eles moram no Brasil. Hoje, meus pais se consideram nikkeis. Até a ida ao Japão, eles se consideravam japoneses. Meu pai possui dupla nacionalidade. Mas acredito que a permanência deles no Japão foi muito mais difícil que a minha, o choque cultural foi muito mais complicado. Pois eles cresceram e foram educados como japoneses e se sentem melhor conversando em japonês, mas no Japão eles eram apenas imigrantes brasileiros, no mesmo nível que *gaijin*,

palavra pejorativa que escutei a infância toda para designar todos que eram de fora. É uma questão de experiência mesmo, de sentir na própria pele. Hoje, quando eles se referem a algum nikkei como *nihonjin*, logo percebem e corrigem a fala.

No meu caso, sim, mesmo porque é visível! Minha fisionomia e meu nome não me deixam fugir da definição. Mas na minha opinião, esta questão de se identificar como nikkei ou não, algo bem pertinente no Brasil, é uma questão pessoal e de experiência. A definição de identidade só se torna relevante ou uma problemática na vida de uma pessoa quando há um confronto real em um ambiente diferente ou em uma situação nova.

Você tem uma história que possa compartilhar sobre como a arte tornou-se parte de sua identidade (tanto quando criança como adulta)?



Formatura do Mestrado na Nihon University, Japão, 2009.

Durante o mestrado, por exemplo, tive aulas de folclore tradicional japonês, e cada aula era sempre um retorno à infância, um *déjà-vu* através das histórias e músicas infantis japonesas que a minha mãe nos contava. Esta sensação de lembranças imaginárias esteve muito presente nesta segunda temporada no país. Talvez pelo fato de estar mais consciente culturalmente. Uma vez, estava viajando com o meu marido na região de Shizuoka, perto do Monte Fuji. Era a minha primeira vez naquela região. Resolvemos visitar uma cachoeira local, que é bem famosa, a Shiraito Waterfalls. Logo quando chegamos ao pé da cachoeira, eu a reconheci imediatamente.

Mas era uma sensação estranha, de reconhecê-la sem saber de onde. E somente depois, no caminho de volta, lembrei a “minha” cachoeira de infância, que na verdade era um pôster bem grande de Shiraito meio esverdeado, decorando a sala de casa. No pôster, havia a imagem de um homem e eu lembro que ficava criando histórias e imaginando enredos para aquele lugar. Depois deste “reencontro”, desenvolvi uma série de desenhos intitulados *Views of Fuji*, na qual faço uma referência direta aos Monte Fuji de Hiroshige e Hokusai, e reconstruo o meu Fuji utilizando colagens de mapas cartográficos da região e poemas do Fernando Pessoa:

*“Cantava em uma voz muito suave, uma canção de país longínquo
A música tornava familiares as palavras incógnitas
Parecia fado para a alma, mas não tinha com ele semelhança alguma...”*

Então, de certa forma, meus trabalhos estão diretamente ligados às minhas experiências pessoais, mesmo porque não sei se conseguiria produzir algo que não tivesse esta conexão física e emocional.

E resgatar estas referências da cultura japonesa e trazer para o meu trabalho é como investigar, (re)descobrir o verdadeiro sentido das coisas, que há tanto se perderam. Para mim, é como ser uma arqueóloga da minha própria história e memória.

Você debateu em seu questionário que muitos *dekasegis* Brasileiros Nikkeis trazem com eles uma bagagem cultural (assim como penso que ocorre com todos os Nikkeis quando vêm ao Japão e vivem por algum tempo). Você viveu em uma comunidade grande de *dekasegis* no Japão?

Não, mas visitei diversas vezes algumas cidades com grande concentração de nipo-brasileiros como Nagoya, Oizumi, Kawasaki... Fui diversas vezes a Nagoya para participar de exposições. É interessante visitar estas cidades e os bairros onde se concentra o comércio voltado para a comunidade. As lojas com nomes brasileiros, a bandeira verde e amarela...



Primeira temporada Japão. Festival Brasileiro em Oizumi, 1999

Você poderia falar mais sobre isso ou dar um exemplo de ter visto o Nikkei trabalhando através das complexas camadas de nostalgia e construindo suas próprias experiências culturais?

Eu não sei dizer como ou se os nikkeis que estão no Japão assimilam suas origens nikkei na construção de suas experiências culturais, como é o meu caso. O que eu percebo é que através do confronto/vivência direta com a cultura japonesa há os dois extremos: muitos se reconhecem como sendo totalmente brasileiros e enfatizam os símbolos nacionais: bandeira, comida, língua, música brasileira, etc. ou se adaptam totalmente à cultura local e se tornam "japoneses" como uma forma de serem aceitos na sociedade. Esta é a minha impressão, mas a comunidade brasileira no Japão é grande e acredito que há uma diversidade cultural assim como há no Brasil.

Estou fascinada com o quanto você incorpora texto em seu trabalho (e com canetas, manuscritos!). Eu também li algumas poesias do Pessoa, traduzidas para o inglês. Estou curiosa se você tem algum pensamento que deseja compartilhar sobre idiomas? Você é claramente multilíngue e pergunto-me como isso pode afetar seu processo às vezes.

Eu sempre brinco que a única língua na qual sou fluente é o Pidgin, porque a maior parte do tempo acabo misturando tudo. Não vejo nenhuma vantagem nisto, para ser bem sincera... Como eu sou

melhor em escrever do que falar (literalmente) a língua materna, que é o português, sempre foi muito importante para mim como uma forma de identificação. Acredito que isto seja fato para muitas pessoas, mas o português é a única língua na qual consigo me expressar sendo “eu mesma”. Uma outra língua, mesmo a pessoa sendo fluente, exige uma postura física e social diferente da língua materna, e a sensação quando falamos esta outra língua é de sermos outra(s) pessoa(s)...

Então, partindo desta dificuldade de me comunicar verbalmente, a escrita sempre foi um meio mais evidente para mim como forma expressiva. E quando voltei para o Brasil, depois da primeira temporada de 4 anos fora, escrever diários/desenhos foi uma forma que encontrei para canalizar todas as experiências e tornar a readaptação mais fácil. A escrita de certa forma é uma terapia, e escrever repetidas vezes durante horas não deixa de ser uma meditação, como no Shakyō.



Uma das primeiras premiações em salões de Artes Plásticas. Curitiba, PR, 2003

Como é o seu ambiente de trabalho e vida em Paris? Você leciona além de criar e exhibir trabalhos? Como é o seu trabalho e os conceitos recebidos com esse público?

Morar na França nunca esteve em meus planos. Certas coisas - se isto é destino não sei -, acredito que são traçadas especialmente para cada um de nós. Mas a forma como transformamos todas estas experiências depende de cada pessoa... Meu marido é francês e nos conhecemos no Japão. Nos mudamos para cá no final de 2010 e moramos em uma região multiétnica, na região de Seine Saint Denis, onde a língua francesa é quase como uma segunda língua. Mas é conveniente pois fica bem próximo ao trabalho dele. Morar em uma região como esta, que é a *banlieue* para os franceses, longe do centro de Paris, fez-me muito mais consciente em relação às minhas origens. O debate político sobre a imigração, dos guetos, das fronteiras raciais tornou-se algo muito mais consciente e vivo em mim, pois esta é a minha realidade, atualmente. Acredito que os franceses são politicamente mais conscientes, abertos e diretos ao debate. Lógico que há todas as sortes do mundo por aqui, mas estar em ambiente como este, trouxe mais senso crítico e reflexão ao meu trabalho.

Eu nunca expus nada na França, sempre senti-me um pouco afastada do cenário artístico contemporâneo francês, que tende ao conceitual. E por estar morando em uma região um pouco afastada do centro, fico um pouco isolada de tudo. Socialmente é ruim, mas artisticamente, consigo me concentrar, assimilar e refletir melhor sobre a minha produção. Não conseguiria produzir e focar no trabalho se tivesse muitas distrações.

Você trabalhou com a curadora Michiko Okano para escolher a peça na exposição? Você teve uma conversa sobre quais peças poderiam ser as melhores para usar nesta exposição específica?

Sim, trocamos inúmeros emails e conversas online. A princípio, pensamos em expor o meu trabalho *Jardim*, uma instalação que reproduzia o jardim de pedras japonês com a qual recebi o Prêmio de Arte Contemporânea da Fundação Nacional de Artes no Brasil. Mas estudando os espaços do museu, propus um projeto inédito que estava guardado há anos e nunca tive a oportunidade de expô-lo, pois grandes instalações como *Prunusplastus* exigem muito planejamento técnico e apoio financeiro também. E acredito que os dois trabalhos que a Michiko escolheu, *Clouds* e *Prunusplastus* foram perfeitos para esta exposição no JANM.

Yes, we exchanged many emails and talked online. At first, we thought about exhibiting my *Jardim* work, an installation that reproduced a Japanese stone garden, and which won the National Foundation of Arts in Brazil Contemporary Art Prize. But after we studied JANM's exhibition spaces, I proposed that we show a previously unexhibited project that I've kept for years and never had the opportunity to show, largely because large installations like *Prunusplastus* require a lot of technical planning and financial support as well. I believe the two works selected by Michiko, *Clouds* and *Prunusplastus*, were perfect for this exhibition.

O que significa para você ser incluída em uma exposição de artistas Nikkeis?

Até chegar em LA e conhecer pessoalmente o JANM, não tinha idéia da dimensão do projeto, da proposta curatorial... Sabia que o JANM é um museu histórico, mas até conhecer toda a sua história, a história dos nikkeis americanos, não tinha consciência de tudo envolvido... Eu tinha conhecimento dos fatos históricos ocorridos na Segunda Guerra Mundial, mas foi muito mais intenso e impactante ver o acervo de perto, conhecer voluntários e descendentes que foram mandados para os campos. E conforme fui participando do dia a dia de toda a equipe do museu e conhecendo outros artistas nikkeis de outras nacionalidades, pude compreender a importância de um projeto como este! Não apenas pelos seus aspectos antropológicos, mas também pelo seu senso poético e também o que isso significa para o Nikkei. Fazer parte dele, provavelmente, terá uma grande influência em meus futuros trabalhos.



Exposição *New Art Brazil – Japan 2008*, Yokohama Civic Art Gallery, Japão, 2008
